

Jogo de espelhos: práticas e imagens recíprocas de (in)diferenciação profissional

João Pina Cordeiro

1. Um ponto para o qual converge com nítida intensidade a energia da *suspeita sociológica* é, sem dúvida, os substantivos colectivos, isto é, os enunciados nominais que se reportam tanto a conjuntos de pessoas como a instituições. E isto porque há a propensão para ver os substantivos colectivos como sendo o retrato de uma unidade monolítica e homogénea e não como sendo o retrato de um composto, mais ou menos complexo, estruturado por parcelas diferentes e diferenciadas.

Os exemplos da *organização* e da *profissão* são extremamente elucidativos sobre este ponto de vista. De facto, antes de se poder considerar a *organização* como uma estrutura formal que reage como um corpo integrado e homogéneo, ela possui, antes de mais, uma forma interna específica e um modo de ajustamento entre as suas partes que lhe confere um modelo de funcionamento particular. Relativamente à *profissão* o argumento repete-se. É usualmente aceite a ideia de que a *profissão* congrega no seu interior um corpo de sujeitos que comungam as mesmas práticas, saberes e competências que estão na base de fontes inesgotáveis de coesão com potencialidades marcadamente integrativas. Sucede, porém, que debaixo do corpo uniforme e homogéneo que o conceito induz existe uma pluralidade de situações inerentes ao processo de estabelecimento e sedimentação de toda e qualquer profissão nas sociedades actuais.

Neste sentido, quando queremos apurar as características fundamentais de uma determinada profissão não podemos deixar de considerar, enquanto elemento determinante na configuração das identidades profissionais, não só os saberes formais possuídos mas também e principalmente os vários contextos onde essa mesma profissão é exercida. Trata-se, no fundo, de dar uma atenção particular ao modo como as *identidades profissionais* se relacionam e articulam com as *identidades organizacionais* dos respectivos contextos de trabalho.

O objectivo da pesquisa foi assim o de analisar as práticas, as imagens e as representações dos técnicos de qualificação superior, em contextos organizacionais diferenciados (Câmara Municipal da Amadora, Departamento de Recursos Humanos da CP, Metris, Instituto de Reinserção Social), pretendendo-se enquadrar os dados empíricos recolhidos com determinadas referências teóricas.

Partiu-se da hipótese que nas modalidades de acção dos diversos profissionais se estruturam *imagens* (entendidas como um *sistema* que engloba um conjunto de *(pre)disposições* que advêm das específicas condições em que cada indivíduo se encontra, e que portanto estão na base ou são fruto do accionamento de diferentes *estratégias*) de diferenciação e/ou indiferenciação profissional, *imagens* essas que se expressam em específicas formas de recomposição dos seus saberes e das suas identidades, de

acordo com os contextos de trabalho onde são levadas a efeito como também pela posse de um determinado *título* concedido por um curso.

2. Tanto as modalidades de organização do trabalho como as condições de visibilidade a que estão expostas as práticas profissionais, como ainda a variação de peso relativo entre uma e outra (organização e profissão), apresentam relativas diferenciações e estão na origem de diferentes formas de *implicação profissional* que, não obstante a sua diversidade, apresentam uma clara padronização em cada instituição.

Considerando essas diferentes formas de *implicação profissional* como um conjunto de elementos que tendem a originar diferenciados modos de *estar* e de (*re*)agir perante uma qualquer situação de trabalho, foi possível construir uma matriz analítica onde cada uma dessas diferentes formas de *implicação profissional* corresponde a *imagens profissionais* também elas diferentes. Estas foram por sua vez definidas e delimitadas segundo dois grandes campos: *imagens* de diferenciação e *imagens* de indiferenciação.

No que se refere às *imagens* de diferenciação profissional, duas situações há a considerar. Por um lado, temos a *imagem de diferenciação unidimensional*, caracterizada pela importância conferida a um único factor para a legitimação da denominação profissional adoptada, fazendo prevalecer maioritariamente a diferenciação entre os profissionais pela posse de determinado diploma. Os profissionais que integram esta categoria são exclusivamente os técnicos pertencentes aos quadros da CMA. Por outro lado, encontramos a *imagem de diferenciação pluridimensional*, caracterizada pela multiplicidade de dimensões presentes na identificação das identidades profissionais, fazendo, por isso mesmo, prevalecer a diferenciação profissional no seu

interior consoante sejam identificados pelo curso que possuem, pelas funções que desempenham ou pela posição hierárquica que ocupam, que foi encontrada principalmente nos técnicos do DRH-CP.

Relativamente à *imagem* de indiferenciação profissional, também é possível distinguir duas outras posições. Num plano temos a *imagem de indiferenciação assumida*, definida pela homogeneidade de estatutos (denominações) evidenciados pelos diversos técnicos, fazendo, assim, prevalecer a indiferenciação profissional. A indiferenciação é *assumida* no sentido em que não existe uma aderência forçada a essa denominação por parte dos técnicos. Esta *imagem* está principalmente presente nos técnicos de estudos de mercado da Metris. Assim, para além de pertencerem aos quadros da Metris, estes técnicos são todos identificados pelas funções que desempenham, sendo também indivíduos que consideram não possuir uma identidade profissional explícita na empresa, considerando ainda por unanimidade que a identidade organizacional da empresa não tende a moldar nem a sobrepor-se aos seus respectivos profissionais. Num outro plano encontramos a *imagem de indiferenciação imposta*, também caracterizada pela uniformidade de identificações atribuídas aos técnicos superiores, mas, e ao contrário do que sucede na Metris, essa uniformidade verifica-se pela existência de uma aderência forçada/imposta pela própria instituição. Esta *imagem* está exclusivamente presente nos técnicos do IRS. Paradigmático desta orientação estratégica é assim o empenho que as instâncias superiores da instituição exercem para que todos os técnicos que aí trabalham, sem excepção, detenham o estatuto de «técnicos de reinserção social», verificando-se, por isso mesmo, que não existe uma identidade profissional (re-

lacionada com as suas formações) explícita/vincada no instituto.

3. As concretas situações de trabalho delimitam um espaço de socialização e de aprendizagem que se vem espelhar na (des)estruturação das identidades dos grupos sócio-profissionais. Os modelos técnico-estruturais subjacentes aos diversos contextos organizacionais circunscrevem as práticas quotidianas entre os trabalhadores com fortes implicações nos seus modelos de orientação e de acção face a uma determinada realidade. Porém, e apesar dos processos resultantes desta engrenagem não terem resultados unívocos e inequívocos no plano da construção das *imagens* e das *identidades* (na medida mesmo em que estes constrangimentos técnico-organizacionais não se impõem independentemente das trajectórias sócio-profissionais e do conjunto de *habitus* e projectos definidos no e em função do trabalho), a verdade é que permitem construir um plano de referência minimamente homogéneo e integrado de posições de acordo com os recursos sócio-cognitivos e com as situações de trabalho.

As *imagens* de (in)diferenciação profissional encontradas constituem, pode dizer-se, um dos elementos estruturadores das identidades sócio-profissionais. Com efeito, se considerarmos os quatro tipos de (in)diferenciação referenciados verificamos que estes modelos de orientação estão associados a processos de *identificação* e *identização*. Referem-se, no fundo, a processos de *integração*, e, portanto, de *exclusão* dos técnicos em determinados conjuntos mais vastos de referência e/ou pertença, ao mesmo tempo que os diversos profissionais tendem a diferenciar-se (socialmente) impondo fronteiras mais ou menos rígidas.

A configuração profissional emergente na Câmara da Amadora (CMA) e no departamento de recursos humanos

da CP (DRH-CP), apresenta *imagens* centradas na sua *diferenciação*, *imagens* essas que convergem num discurso de *integração*.

A predominância da *imagem* de diferenciação profissional como discurso de integração na CMA e no DRH-CP, revela-se, sobretudo, pela maior expressão que nelas se evidenciam *perfis identitários* vários dada a diversidade e a natureza do trabalho aí dominante, havendo assim uma maior visibilidade e reconhecimento social das suas competências mais especializadas e dos saberes formais que lhes estão associados. Revela-se, portanto, ser nestes dois contextos organizacionais que os profissionais de qualificação superior encontram maiores e/ou melhores possibilidades de gerar espaços de diferenciação uma vez que se atribui uma maior visibilidade, valorização e operacionalização aos títulos adquiridos pela frequência universitária. A consciência da *valorização* dos seus saberes nas instituições em causa contribui assim para reforçar esta *imagem* de diferenciação e de integração profissional.

Já na empresa Metris, foi possível identificar a existência de uma *indiferenciação* profissional sustentada num discurso de *integração*. A indiferenciação como integração define-se pela afirmação do grupo de referência assim como pela sua auto-pertença. Para lá de um discurso homogéneo que lhes permite criar identidade enquanto técnicos de estudos de mercado, assiste-se também à recorrência e à valorização das qualificações de cada um (determinadas pelos cursos) que lhes permite, também, a integração em grupos profissionais mais vastos (sociólogos, psicólogos, economistas). O investimento na esfera do trabalho por parte destes técnicos explica-se pela maior identificação na sua relação com a empresa, contribuindo a consciência da valorização dos seus saberes para reforçar este discurso, ou antes, esta *identidade* de integração.

Finalmente, a configuração profissional dos técnicos de reinserção social apresenta algumas *imagens* centradas na sua crescente *indiferenciação* sustentada por um discurso de *exclusão*. A indiferenciação profissional como discurso de exclusão afirma-se pela oposição à construção de uma imagem unificadora e homogénea que lhes permite apenas criar identidade como técnico de reinserção social, verificando-se, assim, a negação e a desvalorização das específicas qualificações por eles detidas. Característico deste processo de indiferenciação profissional como exclusão são igualmente os constrangimentos específicos baseados numa estrutura organizacional bastante burocratizada, pesada e inflexível que se reflecte quer na maior dependência face às chefias, ou seja, na menor autonomia sobre o processo de trabalho, quer na menor integração/identificação na/com a instituição.

4. Os resultados da investigação indiciam a existência de uma clara diferenciação entre as orientações emanadas pelos respectivos contextos e consoante as respectivas formações, transformando, assim, cada um dos quatro tipos de serviços bem como cada tipo de profissão em *espaços* propícios à cristalização de desiguais *imagens profissionais*.

Atendendo às diferentes condições estruturais e organizacionais que se inscrevem nos contextos alvo de estudo, comprovou-se que foi nas instituições onde a produção se organiza em redor de uma menor *parcialização funcional* e onde o *sistema profissional* tende a perder visibilidade e importância (Metris e IRS) que se verifica uma mais nítida tendência para haver uma indiferenciação profissional no que diz respeito às dimensões que foram sendo consideradas. Todavia, apesar de em ambas se determinar uma clara indiferenciação, refira-se, também, que elas se distinguem entre si em função do diferenciado grau de flexibilidade organizacional.

Enquanto que na Metris, empresa de pequenas dimensões, estruturalmente flexível, e onde o *sistema profissional* emergente, ainda que de forma bastante ténue, adquire alguma visibilidade, assiste-se a uma *indiferenciação profissional assumida*; já no IRS, instituto com uma estrutura organizacional inflexível, burocratizada e onde se verifica uma clara sobreposição do sistema organizacional face ao *sistema das profissões* (cuja visibilidade, importância e influência é nula) encontramos uma *indiferenciação profissional imposta*.

Por seu lado, nas instituições onde a produção se organiza em função de uma maior *parcialização funcional* e onde o sistema organizacional concede uma maior visibilidade ao *sistema profissional* (CMA e CP), encontramos uma maior propensão para existir uma diferenciação profissional. Contudo, e também aqui, as possibilidades e/ou modalidades dessa diferenciação processam-se de forma algo desigual que parece ser devido à diferenciada segmentação organizacional considerada nas duas instituições, como também pela maior ou menor visibilidade e operacionalização atribuída aos títulos possuídos. Assim, enquanto que na CMA a diferenciação se processa quase que exclusivamente por intermédio das respectivas formações dos diferentes técnicos (e, portanto onde o *sistema profissional* adquire uma maior visibilidade e importância em relação do sistema organizacional), impera a *diferenciação profissional unidimensional*; na CP, para além da importância que o *sistema profissional* adquire, há outros factores que estão na base dessa diferenciação (como sejam a posição na estrutura hierárquica e as funções desempenhadas), assistindo-se, por isso mesmo, a uma *diferenciação profissional pluridimensional*.